

CULTIVEMOS O BOXE

OX PASCHOAL FILHO

Cap. Chefe da Cadeira de Lutas

O boxe constitui hoje em dia, parte integrante de vida de muitos jovens que acompanham ou participam ativamente desta modalidade desportiva.

Aos sábados e domingos as estações de televisão proporcionam noitadas da nobre arte aos que não desejam abandonar o conforto dos seus lares. Outros, a maioria, acorrem ao local das contendias para apreciar e incentivar os promissores valores que, algum dia, representarão o Brasil. Jovens treinam em clubes e academias, esperançosos de conquistar um título, aplausos, ou simplesmente, melhorar a saúde, forma física ou meios de defesa.

Alguns anos atrás pouco se ouvia em boxe. Nossas representações partiam e regressavam dos campeonatos sem que delas tivéssemos notícias. Comportavam-se valentemente, venciam um sem número de dificuldades, mas, não logravam qualquer êxito. Assim se expressou a revista especializada chilena, "Estádio", em seu número de 14 de dezembro de 1946, à propósito da participação dos pugilistas brasileiros no campeonato latino-americano daquele ano: "Chegam ao estádio cantando, batendo suave e cadenciadamente nos seus

tamborins fazendo-nos ouvir belas melodias. Sobem ao ringue sorridentes, sem importar-lhes a categoria dos adversários, sem temer enfrentar tais adversários, muito embora tenham segurança que não estão preparados para lutar de igual para igual com os pugilistas argentinos, chilenos ou uruguaios. Mas lutam sempre com valentia. Com lealdade. Limpamente. Sorriem quando é alçado o braço do adversário triunfante. Vão e o abraçam, aplaudem, e levantando-o passeiam pelo ringue. E descem do tablado distribuindo sorrisos. Descem demonstrando que eles entendem o esporte assim, como deveria ser sempre e em todos os lugares".

Hoje, por certo, a situação do nosso boxe amador é bem outra; já conquistamos títulos e nos afirmamos no cenário sul-americano, provando do que são capazes nossos jovens lutadores e abnegados técnicos.

Basta que nos lembremos do campeonato latino-americano de 1953, ano memorável para todos nós, quando os brasileiros conquistaram cinco títulos por intermédio de Pedro Galasso, Paulo de Jesus, Nelson de Andrade, Lúcio Grotone e Valdemar Adão.

É necessário que êsses nomes sejam lembrados, é imperioso que outros, de jovens valores, sejam conhecidos. Êsse é o maior estímulo para o amador, o único prêmio que êle pode almejar e também um incentivo para o aparecimento de novos valores.

O nosso boxe necessita de propaganda, de difusão; só esta traz a quantidade, de que a qualidade é consequência. Carece igualmente de locais apropriados de treinamento. Cremos ser esta uma das mais importantes razões, que determinam o predomínio do boxe argentino no Continente, e sua projeção no cenário internacional. Para atestar isso, basta lembrar que o pugilismo argentino já produziu um campeão mundial — Pascual Perez —, e outros astros de primeira grandeza.

No amplo salão do Luna Park, no coração de Buenos Aires, acorrem diàriamente centenas de jovens de tôdas as idade e condição social. Nessa autêntica forja de campeões, observamos trabalho e confraternização; meia dúzia de ringues, dezenas de sacos de areia, de "punching-balls", e dedicados técnicos.

Além de propaganda, de quantidade e locais apropriados, os pugilistas já formado — isto é, possuidores de certa técnica — necessitam competir cotejando o nosso boxe com o dos demais países. É isto sem dúvida, que faz do pugilismo amador europeu o melhor do mundo.

Militares que somos, dispendo anualmente de um grande celeiro de jovens, podemos fazer algo em prol dêsse esporte, considerado por médicos especializados como o mais completo. Êle se coaduna perfeitamente com os nossos objetivos, completa o preparo físico, moral e profissional do nosso soldado. Torna o homem eficiente, desenvolvendo-lhe a coragem e o sangue frio; educa e proporciona agradável lazer.

Basta que nos lembremos do plano de treinamento do soldado americano, por ocasião do último conflito mundial, para reforçar as afirmações acima feitas. O boxe constituía atividade obrigatória, ministrado em aulas coletivas; êsse povo prático, não faria isso em vão. Visava, além das qualidades físicas desenvolvidas, o desenvolvimento de um sentimento de auto-confiança dos seus combatentes que seria muitas vêzes pôsto à prova nos sangrentos encontros do Pacífico.

Sabemos perfeitamente que nossas possibilidades são restritas; o homem é transitório, o tempo é pouco, as prioridades são muitas. Mas, não pretendemos formar o pugilista. Objetivemos, isso sim, a difusão e o gôsto pelo esporte através a transmissão de uma série de conhecimentos básicos.

Cooperemos para colocar o boxe na posição privilegiada em que se encontram as outras modalidades esportivas. Assim procedendo, estaremos aumentando o espírito ofensivo dos nossos combatentes e cooperando para o desenvolvimento do nosso boxe amador.